

[Clique aqui para ampliar](#)

O Ser da paixão

Marcus André Vieira

Referência:

VIEIRA, M. A. . O ser da paixão. In: Leal, C. E.; Holck, A. L.. (Org.). As paixões do ser. Rio de Janeiro,: Contra Capa, 1998, v. , p. 75-90.

Em 1953 Lacan contrata uma estenógrafa e formaliza um seminário que já funcionava há dois anos, dando início a um ensino que iria atravessar três décadas. Não causa surpresa que seu primeiro ano de seminário "oficial" seja atravessado por uma interrogação sobre o que é o saber e sobre sua função na análise. É neste contexto que Lacan introduz as paixões do ser, amor, ódio e ignorância, para retomar a transferência a partir da sua trilogia RSI e da referência ao papel fundamental do simbólico no tratamento analítico.

Parece-me então uma boa porta de entrada para abordar estas paixões a seguinte questão: porquê três paixões fundamentais e não duas? Deve causar alguma surpresa - mesmo para quem já leu Lacan e compreende como o saber, suposto em um sujeito, é fundamento da transferência, juntamente com o amor e o ódio -, o fato que a dualidade freudiana seja deslocada para uma trilogia onde a ignorância se situa exatamente no mesmo nível que o par freudiano. Apesar de presentirmos nesta reformulação a referência budista, valorizada por Lacan na época da introdução destas três paixões, podemos considerar que não foi a vontade de destronar Empédocles por Buda que o levou a este deslocamento e sim uma necessidade interna à experiência freudiana.

Quanto a este ponto, é preciso que lembremos inicialmente a crítica de Lacan ao erro, muito comum no campo kleiniano, que consiste em assimilar agressividade e pulsão de morte, com conseqüências importantes no que concerne a condução do tratamento.ⁱ Podemos então considerar que não nos deslocamos no plano das pulsões quando falamos de paixões do ser e que, por conseguinte, não pensamos o amor necessariamente no âmbito da pulsão de vida ou o ódio como uma figura da pulsão de morte (mesmo se admitimos que não podemos pensar estas paixões sem alguma referência à pulsão).

A partir daí, esta aparente anulação da dualidade em proveito da trilogia não mais aparece como uma violência feita a Freud, visto que o par amor-ódio não se identifica, ao menos não integralmente, ao dualismo pulsional (tentarei demonstrar, entretanto, que não se trata de anular o par freudiano mas sim de ressitua-lo, a partir de sua inserção em uma outra estrutura). Além disto, a partir deste afastamento relativo entre paixões e pulsões, torna-se relativamente fácil encontrar as referências freudianas que vão na direção de situar a ignorância como pivô da transferência, a se associar com amor e ódio.ⁱⁱ

Por outro lado, não podemos cair na tentação de superpor pura e simplesmente as paixões do ser às figuras do imaginário da paixão, tão pregnantas na cultura e na experiência subjetiva consciente. Apesar de termos distanciado estas paixões das pulsões e de, por conseguinte, ter-se tornado evidente que não estamos falando de conceitos propriamente metapsicológicos, não podemos considerar que as paixões do ser de Lacan refiram-se à fenômenos circunscritos, afetos mais ou menos observáveis, alguma coisa da qual temos certeza da existência – afinal, todos sabemos reconhecer o ódio, por exemplo - a serem tratados apenas como material clínico. O estatuto das paixões do ser, claramente articuladas por Lacan à transferência, não à uma transferência de um determinado tipo, positivo ou negativo, por exemplo, mas ao próprio fundamento da transferência, nos obriga a situá-las em um nível metapsicológico. Este é nosso desafio: partir do fenômeno, conhecido, materializado, e atingir um ponto da estrutura do acontecimento analítico, inapreensível sem a experiência do fenômeno e que, ao mesmo tempo, constitui a única coordenada capaz de dar a este último algum sentido clínico. A partir daí, poderemos articular as paixões do ser à pulsão, descobrindo seu interesse clínico ao mesmo tempo que sua necessidade conceitual.

Este nosso projeto materializa-se em torno da própria expressão "paixões do ser", já que ela o condensa e o realiza. Com esta expressão, Lacan associa a concretude das

paixões a uma noção no mínimo difícil, senão claramente esotérica, o ser. Isto muda o estatuto da paixão, que, como veremos, aparece menos como captação imaginária e mais como uma posição do sujeito, e muda também o estatuto do ser, que passa a adquirir uma certa positividade uma vez que é associado às paixões. A paixão ganha uma certa incorporeidade, pois ela parece distanciar-se da experiência comum ("será que Lacan se refere à paixão que eu vivo ou a paixão que o ser vive? Que ser é este?"). Ao mesmo tempo, algo do ser deixa o céu das Idéias e se encarna na violência do apaixonado.

Tentaremos então interrogar estas paixões partindo de algumas das indicações de Lacan sobre o ser neste momento inaugural de seu ensino. É bem verdade que acessar as paixões a partir do ser, parece o caminho mais árduo, mas talvez assim possamos evitar a fascinação da paixão destacando o esboço ontológico que lhe dá vida, seu lugar na estrutura, e evitando o visgo de sua boa forma, que tende a nos limitar à descrição de suas figuras nas diversas estruturas clínicas, tão fascinantes quanto inertes.

Parênteses necessário

Antes de examinarmos o ser, é necessário, entretanto, afastar um perigo maior que poderia nos ameaçar neste momento. Para tanto, vejamos o que já podemos concluir, neste contexto, a respeito da paixão:

- Ela não é inteiramente recoberta pelo afeto, se tomamos este último como fenômeno concreto, agitação do corpo por uma figuração imaginária do desejo.
- Ela não é idêntica à pulsão, que se situa no nível metapsicológico, em outro plano que o fenômeno afetivo.

Acrescentemos uma terceira proposição: 'Ela se distingue do desejo', já que sabemos que este, diferentemente da paixão, é uma constante e não uma variável. Segundo Lacan, o desejo insiste na cadeia mas não consiste em nenhum significanteⁱⁱⁱ, o que é bem distinto da experiência passional, que se dá a conhecer em estados abruptos, por vezes violentos, sempre inscritos na duração, movimentos finitos e temporários. Vemos que, neste quadro, estamos bastante distantes do perene e do indestrutível do desejo, tão acentuado por Freud.

Com estas três proposições, delimitamos as fronteiras do terreno específico das paixões do ser e, ao mesmo tempo, evitamos incorrer no erro de defini-las a partir de sua pura inserção em um destes campos, pulsional, afetivo, ou do desejo. Podemos afirmar, sem medo de errar, que este foi o equívoco dos poucos autores pós-freudianos que tentaram desenvolver as indicações de Freud sobre o assunto antes de Lacan. A razão é simples, estas versões psicanalíticas da paixão partem todas de um ponto fundamental que funciona como pólo de imantação irresistível: a oposição corpo e alma.^{iv}

Esta oposição, formalizada por Descartes e vinculada à ciência moderna, tão dominante em nossa cultura que pode ser condensada no cotidiano de um "minha cabeça diz que devo esquecê-lo, mas meu coração/corpo se recusa a fazê-lo", tem um tal valor intuitivo que é utilizada, por estes autores, como óculos exclusivo de leitura do texto de Freud. Isto faz com que a pulsão tenda a ser entendida como o produto de um animal que viveria dentro do homem, nas profundezas de seu corpo, e que deveria ser agenciado pela razão, tornando, por exemplo, as vontades deste animal, suas moções pulsionais, conscientes. Foi preciso todo o trabalho específico de Lacan para destacar a pulsão desta zona ancestral, oposta ao eu e à razão. Isto é válido tanto para a pulsão quanto para o afeto, o desejo e a paixão.

Portanto, na expressão "paixões do ser", não estamos diante da união artificial e arbitrária de dois universos radicalmente distintos e paralelos onde Lacan, com seu "do", teria conseguido a proeza que Descartes tentou com sua pineal. Trata-se aqui de uma estrutura radicalmente distinta onde "ser" não tem a essência de um *logos* racional, nem "paixão" a consistência da animalidade arcaica.

Do ser

Passemos então ao ser. Felizmente, as coordenadas acima estabelecidas permitem-nos restringir a algumas formulações específicas deste seminário a este respeito. Poderemos explorar, a partir delas, as indicações de Lacan sobre as paixões do ser, assim como suas conseqüências clínicas. Resta ainda observar que, após a introdução destas

paixões, Lacan faz somente algumas referências esparsas a elas ao longo de sua obra e é apenas no final de seu ensino, no divisor de águas que constitui o *Seminário XX (Mais, ainda)*, que ele as retoma de maneira conclusiva. Não por acaso, são provavelmente dos dois seminários onde o ser é tratado de maneira mais explícita. Vamos nos concentrar no *Seminário I* mas tentarei, ao concluir este trabalho, interrogar o que muda em termos da direção do tratamento, com a reformulação quanto a relação entre o ser e a paixão ocorrida em *Mais, ainda*.

Começemos com duas passagens precisas sobre o ser:

A noção de ser, no momento em que tentamos apreendê-la, se mostra tão inapreensível quanto a fala (parole). Porque o ser, o próprio verbo ser, só existe no registro da fala. A fala introduz o oco (creux) do ser na textura do real, um e outro se sustentam e se equilibram mutuamente, eles são exatamente correlativos.

Este furo no real (criado pelo advento do simbólico) chama-se, segundo a maneira como o consideramos, o ser ou o nada.^v

Completemos estas indicações com uma passagem, um pouco mais tardia, mas que pode ser considerada contemporânea deste momento do ensino de Lacan.

O ser não está em nenhum lugar, a não ser nos intervalos, ali onde ele é o menos significante dos significantes, a saber, o corte (...). Se quisermos dar ao ser sua definição mínima, diremos que ele é o real, enquanto este se inscreve no simbólico.^{vi}

Observemos inicialmente que Lacan varre a tradição filosófica, radicalmente estranha à idéia de um real anterior ao ser. O ser não é mais o nome de um real primeiro. Pensá-lo como o buraco no real introduzido pela fala situa-o no próprio corte realizado pelo símbolo no tecido sem fissuras do real. Ele é a materialização deste corte. Temos então as seguintes idéias maiores: 'o ser só existe na linguagem', 'o ser se dá na linguagem pelo corte que esta opera no real' e 'o ser é o real no simbólico'. Com estas proposições, descarta-se não somente a tradição filosófica, como também Heidegger, que é talvez a referência essencial deste seminário.

É preciso insistir nesta diferença para que se entenda melhor as passagens acima. Primeiro examinemos a proximidade entre Lacan e Heidegger.^{vii} Situar, tal como faz Heidegger, o *Dasein* como o ente que se coloca a pergunta "o que é o ser?", não tendo outra essência a não ser a abertura ao ser que esta própria questão representa, conduz à impossibilidade de qualquer reificação/essencialização do ser. Heidegger faz a existência preceder a essência, pois a única essência do *Dasein* é a pergunta sobre a existência que ele se coloca. Destaca-se assim da tradição filosófica representada, por exemplo, pelo argumento ontológico de Santo Anselmo, onde a essência do ser prima sobre sua existência. A partir daí, parafraseando a fórmula de Lacan, o ser insiste na linguagem mas não consiste em nenhum lugar preciso que a linguagem possa delimitar. O homem não é mais o mestre do ente – tal como o sujeito metafísico de Descartes. A linguagem não está mais a seu serviço. Ela é a "casa do ser" e ele é o "pastor do ser".^{viii}

Entretanto, colocando o real desde a origem e antes do ser, Lacan tira deste último toda conotação ontológica, essencial à Heidegger, sem lhe transferir ao real, que se articula ao ser em um nível concreto, puramente ôntico. Portanto, o ser não se revela, como verdade, em uma língua autêntica, mas se realiza, como corte, em uma fala plena. Ele não constitui o sujeito, os dois se constituem a partir do Outro da linguagem, mas sua emergência institui uma certa relação com o real (que tampouco é constitutivo) e, por conseqüência, com a verdade do desejo.

Da realização do Ser

Neste contexto, Lacan indica que a análise deve conduzir à "realização do ser".^{ix} Podemos compreender então que realizar o ser se coloca no extremo oposto de conferir-lhe qualquer tipo de consistência. O verbo "realizar" remete então a algo como "fazer acontecer/existir", o que pode ser entendido neste contexto como: fazer com que esta abertura ao real que é o ser se dê concretamente na fala com todo seu efeito traumático, que permite um rearranjo dos circuitos desejanter do sujeito. Um dos nomes do trauma fundamental seria então o nascimento do ser a partir do furo no real operado pelo significante. É preciso que o corte se realize, pois é ele que determinará a emergência da

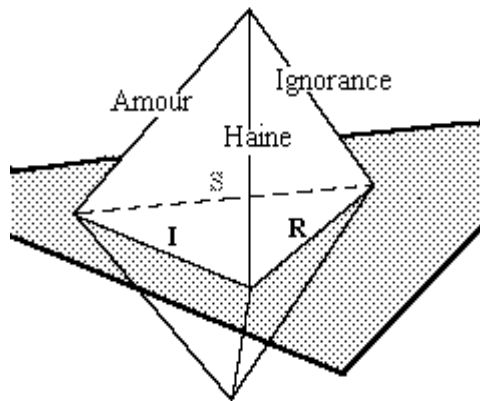
verdade e, a partir daí, a possibilidade de uma reestruturação da história subjetiva.

Apoiando-se em Santo Agostinho, Lacan propõe então três figuras fundamentais, a ambigüidade, o erro e o engano (*méprise*), que marcam a emergência da verdade na fala. É através delas que algo no discurso do sujeito se abre para o ser, conectando a fala àquilo que o significante introduz da estrutura do corte e realizando assim o ser.

Compreendemos melhor o papel destas figuras fundamentais quando, aos três termos agostinianos, Lacan articula três "Vers" freudianas, os mecanismos da condensação (*Verdichtung*), da denegação (*Verneinung*) e do recalque (*Verdrängung*). Estes ligam-se àqueles e são, par a par, solidários. A condensação responde pela ambigüidade, onde a metáfora cria sentido novo, trazendo a verdade a partir da substituição de um significante por outro. A denegação realiza o erro, onde o sujeito, ao recusar a verdade, a faz aparecer no próprio texto de sua negação. O recalque é responsável pelo engano, lapso, esquecimento, formações do inconsciente nas quais Freud nos ensinou a buscar a verdade.

Finalmente, Lacan introduz as Paixões do ser e as associa a este esquema complexo, situando cada uma na interface de um dos registros R, S, e I. Ele introduz então seu "diedro", que articula e faz funcionar estas noções:

Desta figura, onde temos uma sólida montagem de indicações clínicas de Lacan, é



importante observar inicialmente duas coisas: 1) O plano mediano é associado ao real e, neste, a linguagem vem estabelecer um vazio figurado pelo triângulo horizontal, recortado neste plano mediano e que constitui a base das duas pirâmides. Este vazio é o ser, que porém só se realiza a partir das duas pirâmides.^x 2) Deduzimos que o diedro, como muitos matemas de Lacan, não é tripartido mas quadripartido pois os três registros e as três arestas orientam-se em torno do ser.

Podemos percorrer esta figura partindo de três pontos fundamentais, que constituem os vértices do triângulo horizontal e que fazem a base das duas pirâmides, os quais, dependendo de como são acessados, se dão como ambigüidade, erro e engano, que realizam a pirâmide superior, ou como condensação, denegação e recalque, que realizam o

plano inferior. A realização do ser se dá assim a partir destes eixos fundamentais. Entretanto, estes eixos existem apenas em potencial na cadeia significante, pois só serão desdobrados e articulados através da fala. Para tanto são necessárias as paixões. A transferência, como palco das três paixões, mobiliza a cadeia significante na fala endereçada ao analista e permite que o ser se realize para um sujeito. As paixões do ser instituem os caminhos pelos quais o desejo será veiculado, mobilizando a cadeia significante, dando ex-sistência aos três eixos acima e realizando, assim o ser. Cada um dos três eixos insere-se em uma das paixões que constituem desta forma as "vias de realização do ser" enquanto "três linhas de partição nas quais o sujeito se engaja quando se realiza simbolicamente na fala, se dirige ao ser do outro".^{xi} A via do amor, com seu ideal de fusão com o ser do outro, responde pelo eixo ambigüidade/condensação; a via do ódio, apagamento do ser, pelo eixo denegação/erro; e a via da ignorância, do indizível do ser, pelo eixo engano/recalque. As paixões constituem assim as arestas por onde a ambigüidade, o erro e o engano se materializam, em uma cena, e a condensação, a denegação e o recalque, em Outra.^{xii}

Dos afetos posicionais

Uma conclusão evidente é que o ser não se realiza se nos deslocamos apenas ao longo de um dos eixos. Apenas na articulação dos três, a partir das três vias da paixão, há associação livre e fala analisante. Só assim temos a materialização pulsional dos caminhos da verdade. Mas aqui surge a pergunta: o que significa clinicamente pensar estas três paixões como se dando sempre articuladas? Sempre que há amor há ódio? Sempre que há amor há ignorância? Eles se misturam? Além disto, qual é a forma de apresentação clínica

da paixão da ignorância como paixão?

Vale a pena distinguir, artificialmente, o nível da estrutura e o nível do fenômeno. No nível da estrutura insere-se o diedro e a necessária articulação das três paixões para que haja a possibilidade da realização do ser. No nível do fenômeno, porém, podemos pensar uma paixão independentemente de outra. Poderíamos supor uma posição subjetiva onde o ser se dá especialmente através da via do amor, por exemplo.

Entretanto, apesar de Freud descrever o amor e ódio como dois entes distintos, ele os concebe como pares opostos, que podem se inverter e uma paixão dar lugar à outra. Mesmo recusando matizes, combinações ou estados mistos, eles os considera tão profundamente ligados que Lacan chegou a cunhar o termo *hainamoration* para marcar esta união que conhecemos no cotidiano da experiência clínica. Além disto, Lacan nos ensina com o estádio do espelho, que o amoródio se situa no eixo imaginário, do narcisismo, onde a inversão assinalada por Freud é característica. Como situar a *hainamoration* a partir da introdução da ignorância que parece quebrar a especularidade a-a'? Utilizando o diedro, vemos que o amoródio se situa na vizinhança de **I**, constituído exatamente pelas duas paixões que se articulam ao imaginário. Desta forma, apesar da estrutura que o diedro encarna não poder ser eliminada, podemos supor que seu velamento constitui aquilo que chamamos de eixo imaginário. Este poderia então se materializar de duas maneiras fundamentais, quer se parta do amor ou do ódio. Podemos aqui recorrer a uma terminologia utilizada por Lacan em seu seminário anterior, sobre o Homem dos Lobos. Diremos então que o amor, entre **S** e **I**, corresponde à *simbolizar o imaginário (sl)*, da boa forma, da fusão do mito platônico ou do Um de Parmênides, através da demanda de amor. O ódio por sua vez, entre **I** e **R**, corresponderia à uma posição subjetiva articulada à *imaginarização do real (iR)*. Este teria aí sua força desagregadora, vivida como a intrusão violenta do outro ou, tomada para si, como a agressividade destruidora em direção a ser do outro.^{xiii}

Compreendemos também que é justamente por enfatizar a estrutura ternária, **RSI**, que Lacan introduz a ignorância que, associada ao amor e ao ódio, situa a estrutura para além da binaridade imaginária, sem eliminá-la. Deste modo, a ignorância corresponde à revalorização de **S**. É justamente por reintroduzir **S** que o impasse da paixão (e não a paixão) se desfaz, e é justamente por insistir na importância da função simbólica que Lacan considera, neste momento inicial de seu ensino, que a análise será capaz de realizar o ser, acabando com o impasse imaginário (da *Ego-psychology*, por exemplo, tantas vezes criticada por considerar a análise unicamente no plano a-a') e fazendo com o que era do registro pulsional alienado à imagem do outro passe a ser pulsão realizada no Outro.

Concebemos então o amor e o ódio, do ponto de vista do fenômeno, a partir de duas combinações do imaginário (**sl** e **iR**). Resta-nos a paixão da ignorância, situada por Lacan entre **R** e **S**, o que nos conduziria a propor, segundo a fórmula acima, considerá-la no plano da *realização do simbólico (rS)*, onde o significante, aparecendo em sua materialidade literal, suporte do sentido fora do sentido, conduz à busca apaixonada de sentido. Das três, esta seria a mais ausente do horizonte passional do ponto de vista do fenômeno porque não se articula diretamente a **I**, sede da forma clínica. Ela poderia se incorporar como tristeza, por exemplo, articulada à impotência do saber em dizer o real, como indica Lacan em *Televisão*.^{xiv}

Este papel das paixões, ao mesmo tempo descrevendo uma estrutura e situando uma posição subjetiva, conduz Lacan a cunhar a expressão "afetos posicionais"^{xv} para referir-se à elas. Elas indicam uma posição fundamental do sujeito com relação ao ser, que é não exatamente o Outro do simbólico, nem o pequeno outro imaginário, mas aproxima-se do real. Trata-se então de uma posição fundamental do sujeito com relação ao trauma.

Do gozo do saber

Deixemos de lado todo um grande número de questões que apontam para as limitações deste modelo (especialmente quanto ao lugar do analista e de seu desejo assim como quanto ao papel da angústia e do objeto) e que provavelmente fizeram com que Lacan não mais se servisse dele. Acredito que sua importância tenha ficado clara mesmo com estas limitações. Entretanto, não poderíamos concluir nosso estudo sem nos referirmos a *Mais, ainda*, onde Lacan retoma o amor, o ódio e a ignorância em um novo contexto. A diferença

salta aos olhos pois não encontramos mais a expressão "paixões do ser". As paixões não se organizam mais com relação ao ser, pois este sofre um deslocamento importante a partir da teorização do gozo. Neste seminário, Lacan introduz não somente uma reformulação no campo do gozo, com a introdução do gozo fálico e do gozo Outro, quanto uma novidade essencial que diz respeito à nossa questão e que pode ser formulada assim: 'o ser é gozo'. Esta proposição se declina em duas vertentes: 1) O gozo responde pelo real do trauma. A ênfase recai sobre a extimidade do gozo, que valoriza uma certa compacidade do real, e não mais no corte, que enfatizava a descontinuidade significativa. 2) O saber é gozo ("O inconsciente não significa que o ser pense e sim, que o ser, falando, goze"). O significante faz existir o gozo e não mais o vazio no real, por isso Lacan dirá: "O ser é um fato de dito".^{xvi}

Agora o fundamento do real do gozo é o próprio significante, o que relativiza a idéia de uma fresta aberta pela linguagem. O furo é denso, se constitui de uma fuga de sentido orientada pelo objeto mais-de-gozar, em direção ao real fora do sentido. Não se trata mais de abrir o intervalo virtual entre S1 e S2, mas sim de inserir-se na cadeia significativa em uma posição que dissolva a ilusão de sua associação natural. Neste ponto, entre gozo e saber, mais do que entre o sujeito e o ser, articulam-se as paixões:

"Do gozo, ele, o sujeito, não quer saber nada, paixão da ignorância".^{xvii} A paixão situa-se no campo imaginário de uma suposição de saber no Outro: 'Eu amo aquele no qual suponho um saber', 'eu odeio aquele a quem dessuponho um saber'.^{xviii} Obtém-se então um certo gozo e não um saber, o que eterniza a busca de um saber capaz de dizer este gozo.

O significante tem um peso real, em sua face de letra. A ênfase incide sobre o que, na fala, se escreve e não sobre o que não se escreve. O objetivo não é mais ir do necessário do *não cessa de se escrever* ao contingente do *cessa de não se escrever* (que era materializado no *Seminário I* pelas *Vers* freudianas e pelas figuras linguísticas de Santo Agostinho), mas sim buscar abrir-se ao real a partir de uma redistribuição do gozo, deslocando-se do contingente ao impossível do *não cessa de não se escrever*.

Para concluir, resta indicar que, neste sentido, Lacan promove a ética do Bem-dizer, valorizando aquele "fato de dito" que faça ex-sistir um dizer (do) real (é neste plano que se situam agora as *Vers* freudianas e as figuras de Santo Agostinho). Neste contexto ele introduz o *gaio saber*. Trata-se de uma paixão que articula-se ao próprio sentido enquanto fonte imaginária de toda "coisificação" do ser. Ela é vinculada a uma posição subjetiva que se funda sobre o esvaziamento da consistência do ser do Outro, que se dá como pura cadeia, não mais significante do desejo mas apenas letra de gozo.^{xix}

ⁱ Cf. quanto que este ponto Laurent, E. "Mélancolie, douleur d'exister, lâcheté morale" *Ornicar?* Vol.47, 1988, p. 9.

ⁱⁱ Apenas um exemplo: "É idéia há muito superada, e que se funda em aparências superficiais, a de que o paciente sofre de uma espécie de ignorância, e que se alguém consegue remover esta ignorância dando a ele a informação (acerca da conexão causal de sua doença com sua vida, acerca de suas experiências de meninice, e assim por diante) ele deve recuperar-se. O fator patológico não é esse ignorar propriamente, mas o fato que o fundamento dessa ignorância encontra-se em suas resistências internas; foram elas que primeiro produziram esse ignorar e elas ainda o conservam agora." FREUD, S. "Psicanálise selvagem", *Standart Edition*, vol. XI, London, Hogarth Press, 1974.

ⁱⁱⁱ Cf. LACAN, J. *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, pp. 634, 774 e 864.

^{iv} Cf. quanto ao que segue VIEIRA, M. A. *L'éthique de la passion*, Rennes, PUR, 1998.

^v LACAN, J. *Le séminaire, livre I: Les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975, p. 254 e 297.

^{vi} Op. Cit. *livre VI: Le désir et son interprétation* - inédito - aula de 20/5/59.

^{vii} Cf quanto a este ponto SIPOS, J. "Les lunettes heideggeriennes de Lacan" *Lacan et Descartes, la tentation métaphysique*, Paris, PUF, 1994. Cf também RICHARDSON, W. "Lacan avec Heidegger" *Lacan avec les philosophes*, Paris, Albin Michel, 1991.

^{viii} Cf. HEIDEGGER, M. *Lettre sur l'humanisme*, Paris, Aubier, 1983 p. 109 e também "Dépassement de la métaphysique" *Essais et conférences*, Paris, Gallimard, 1958, p. 85.

^{ix} "No início da análise, como no início de qualquer dialética, este ser, mesmo que ele exista

implicitamente, de maneira virtual, não é realizado. Para o inocente, para aquele que nunca entrou em alguma dialética e que se crê simplesmente no real, o ser não tem nenhuma presença. A fala incluída no discurso se revela graças à lei da livre associação que coloca o discurso em dúvida, entre parênteses, suspendendo a lei da não-contradição. Esta revelação da fala é a realização do ser" LACAN, J. *Le séminaire, livre I: Les écrits techniques de Freud* Paris, Seuil, 1975, p. 298.

^x "Devemos conceber que o plano mediano, onde se situa o triângulo que divide em dois esta pirâmide, representa a superfície do real, do real simplesmente (...) as palavras, os símbolos introduzem um oco, um furo, graças ao qual todos os tipos de atravessamento são possíveis", *Ibid* p. 297.

^{xi} *Ibid* p. 305.

^{xii} Isto esclarece que, apesar de situadas em um mesmo plano, elas são claramente distintas quanto a seus lugares na estrutura. É o que Lacan sintetiza na seguinte passagem: "Ela [a demanda] evoca a falta a ser sob as três figuras do nada, que constitui o fundamento da demanda de amor, do ódio que vem negar o ser do outro e do indizível que se ignora em seu pedido". LACAN, J. *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 629.

^{xiii} As indicações quanto às paixões do ser concentram-se nas duas últimas lições deste seminário. Não as retomarei literalmente porque constituem o eixo de referência de tudo o que segue.

^{xiv} Nos restringimos aqui à face fenomênica desta paixão, que tem um valor fundamental ao estabelecer a relação entre a posição do sujeito e o sujeito suposto saber. Neste nível, muitas figuras da paixão da ignorância são descritas por Lacan. Cf. A este respeito VIEIRA, M. A. "La pasión de l'ignorancia, entre el saber y el sentido" *Uno por Uno* vol. 44, 1997.

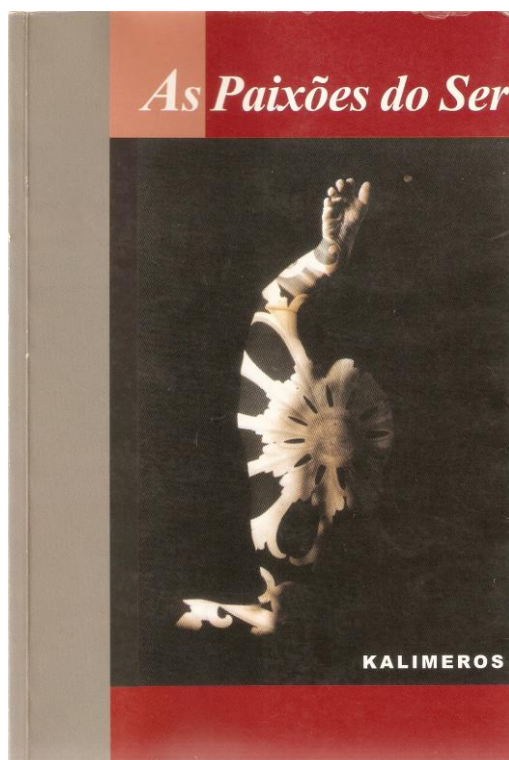
^{xv} LACAN, J. *Le séminaire, livre VI: Le désir et son interprétation* - inédito - aula de 14/1/59.

^{xvi} "O pensamento é gozo. O que traz o discurso analítico é isto que já estava começado na filosofia do ser – há gozo do ser", LACAN, J. *Le séminaire, livre XX: Encore*, Paris, Seuil, 1972, p. 96. Cf. também p. 95 e 107.

^{xvii} *Ibid*. p. 110.

^{xviii} *Ibid.*, p. 64.

^{xix} Cf., quanto ao *gay savoir*, LACAN, J. *Télévision*, Paris, Seuil, 1973, p. 40.



Copyright © 1998, Kalimeros

Organização Geral

Ana Lúcia Lutterbach-Hölck
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares

Conselho Científico

Eliza Freitas, Sara Perla Finc e Stella Jimenez

Conselho de Publicação

Angela C. Bernardes (coord.), Ana Martha Wilson Maia,
Eliza Monteiro, Inês Antran D. Barbosa,
Rosli Guedes e Vera Lúcia Arellar Ribeiro

Projeto Gráfico e Preparação

Contra Capa

As paixões do ser: amor, ódio e ignorância / Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Ana Lúcia Lutterbach-Hölck e Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (Orgs.) – Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 1998.
272 p.; 14 x 21 cm

ISBN 85-86011-15-0

I. Psicanálise. 2. Paixões. 3. Amor. I. Lutterbach-Hölck, Ana Lúcia, org. II. Carlos Eduardo Leal Vianna Soares, org. III. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise. IV. Título.

CDD 150.195

1998

Todos os direitos desta edição reservados à

Contra Capa Livraria Ltda.

<ccapa@easynet.com.br>

Rua Barata Ribeiro, 370 — Loja 208

22040-000 — Rio de Janeiro — RJ

Tel (55 21) 256-1999

Fax (55 21) 256-0526

SUMÁRIO

Apresentação	9
<i>Carlos Eduardo Leal Vianna Soares</i>	
Discurso sobre as paixões do amor	17
<i>Blaise Pascal</i>	
A propósito dos afetos na experiência analítica	31
<i>Jacques-Alain Miller</i>	
Sobre o ciúme	53
<i>Guy Clastres</i>	
O paradoxo do amor ao próximo como a si mesmo	63
<i>Ramildo do Rêgo Barros</i>	
O ser da paixão	75
<i>Marcus André Vieira</i>	
Sintoma anorético: paixão pela ignorância	91
<i>Sara Perola Fuchs</i>	
A paixão da ignorância na experiência analítica	99
<i>Angela C. Bernardes</i>	
Sexo Mongol: a paixão da ignorância na bisteria	105
<i>Maria Helena Martinho</i>	
Da arrogância ao amor	117
<i>Carlos Eduardo Leal Vianna Soares</i>	
Louco de paixão	127
<i>José Ednardo Moreira Amorim</i>	
O fio da moeda	137
<i>Angela Pequeno</i>	
A erotomania sob transferência	145
<i>Maria Sílvia Garcia Fernández Hanna</i>	